



O PAPEL DA LITERATURA RELEVANTE: * UM PROCESSO CONTÍNUO

James A. Conway and Troy V. McKeley
State University of New York at Buffalo

Tradução de Juracy C. Marques *

SUMÁRIO: Um modelo que enfoca a natureza de continuidade da revisão da literatura é apresentado com a intenção de auxiliar os estudantes de pós-graduação ou pesquisadores iniciantes a perceber os elementos interrelacionados do processo de pesquisa. Oferece um argumento de que a revisão começa antes da identificação do problema e continua além do término do projeto. O modelo é aplicado a um estudo de antropologia, mostrando como pode, ao menos em parte, ser empregado em várias abordagens de pesquisa.

A atenção dada a chamada “revisão da literatura” ou “pesquisas relacionadas” tem sido tanto periódica como constante. É periódica no sentido de que os pesquisadores voltam suas atenções para esta parte de uma tese, de quando em vez, ou devotam um capítulo a este aspecto quando tem de relatar o processo de suas pesquisas. É também periódica porque os professores de pesquisa retomam o tema cada vez que recebem um novo grupo de estudantes. Por outro lado a “revisão da literatura” é constante para os que se iniciam na pesquisa e procuram reconhecimento entre a grei dos pesquisadores mais experientes. O estudante está sempre sendo inquerido: “Revisaste as pesquisas ante-

(*) Publicado no *The Journal of Educacion Research*. 63(9), may-june, 1970.

(**) Livre Docente em Psicologia - Coordenadora dos Cursos de Pós-Graduação em Educação - UFRGS.

riores?” ou “Encontraste apoio na literatura para esta afirmação?” ou “Como se relaciona o teu estudo com os estudos anteriores?” ou “O que indica a tua revisão sobre o assunto?” ou ainda “Estás em condições de formular o teu quadro de referências para o estudo em questão?”

O propósito deste trabalho é voltar a esta questão, numa tentativa de esclarecer o papel que a literatura desempenha no processo global de pesquisa. Tentaremos mostrar como a revisão da literatura é de fato um processo extensivo. Nossa intenção é mostrar quando a revisão começa, quando termina, se é que isto ocorre, e como se relaciona e se interrelaciona com o âmbito da pesquisa como um todo.

Algumas falsas concepções da Revisão

De forma típica as dissertações ou teses seguem um tipo de modelo esquemático, obedecendo mais ou menos a seguinte seqüência de tópicos: 1) Definição do Problema. 2) Revisão de Pesquisas anteriores e Literatura relacionada. 3) Quadro de referência teórico e Hipóteses. 4) Planejamento e Procedimentos. 5) Resultados (análise dos dados). 6) Interpretações e Conclusões.

Este modelo implica que a seqüência de atividades é linear o que quer dizer que cada atividade é pré-requisito das demais. As discussões entre professores e alunos podem, em alguns momentos, desenvolver as interrelações no processo de pesquisa, mas na maioria dos casos o estudante aplica o modelo linear em detrimento das interrelações. Assim, o estudante pode manifestar as falsas concepções sobre a revisão da literatura de Lindvall (2) considera em uma das primeiras “Phi Delta Kappan”. Ele indica duas idéias errôneas que os estudantes parecem desenvolver sobre revisão: (1) que todo o candidato deve preparar algum tipo de bibliografia comentada em alguma extensão, e (2) que o candidato seleciona a sua revisão de modo a provar que pesquisa agora proposta não foi feita até agora. A primeira falsa concepção parece provir da crença de que parte do processo nebuloso de conseguir um título de pós-graduação é a realização de uma bibliografia comentada. A segunda concepção falsa parece originar-se do próprio modelo linear antes descrito, o que quer dizer que antes do candidato realizar a etapa 3 ele deve completar a etapa 2 que é a justificativa que prova que sua

pesquisa é original. Em um, como em outro caso, fica a impressão de que a revisão da literatura é uma tarefa desconexa, isolada, cansativa e sem sentido. Esta impressão necessita ser modificada.

Este corpo ambíguo chamado literatura

Para assegurar algum grau de compreensão é importante definir o que se quer dizer quando se fala em "literatura". Em geral, literatura é o vasto campo de conhecimento registrado que se tornou acessível ao pesquisador e o qual ele é obrigado a referir. Este vasto campo de conhecimento oral, escrito ou gráfico, representa os resultados e o pensamento existente sobre um dado problema ou problemas correlatos. A preponderância deste conhecimento encontra-se nas disciplinas básicas que dão suporte a todos os campos de investigação, isto é, sociologia, psicologia, ciências físicas, etc. O pesquisador é compelido a identificar os pontos de conexão entre o novo estudo e aquele corpo de conhecimentos (4). Este trabalho quer sugerir que a "revisão da literatura" é um organismo em contínua expansão que permeia todos os aspectos do processo de pesquisa.

UM MODELO DE REVISÃO COMO UM PROCESSO CONTÍNUO

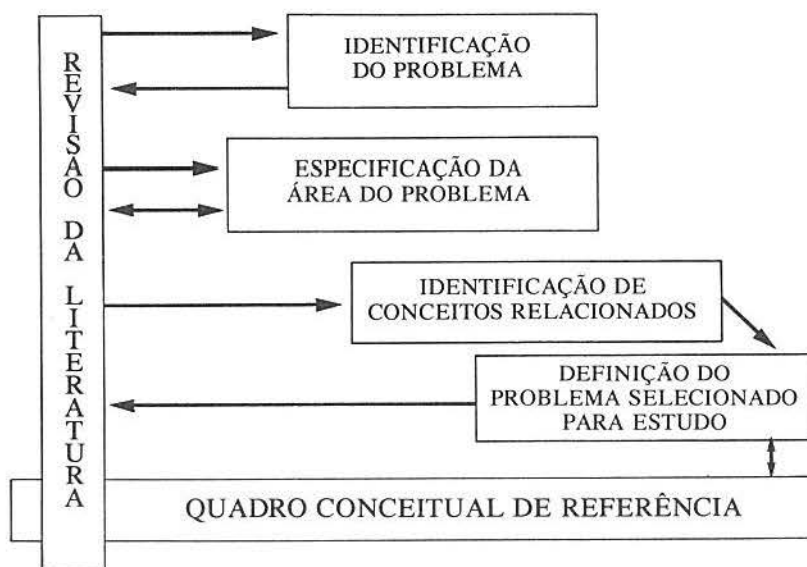
Para desenvolver este ponto de vista contrastante da revisão da literatura é proposto um modelo que contém uma interrelação de partes e um suporte principal na revisão da literatura. De fato, o modelo mostra que a revisão da literatura precede o problema numa organização seqüencial. A parte inicial do modelo é mostrada no Esquema 1.

Iniciando a revisão

Para que um indivíduo possa desencadear o processo de pesquisa ele tem de ser despertado ou motivado no sentido desta ação. Enquanto que os estudantes de mestrado ou doutorado podem argumentar que já é suficiente a motivação provocada pelo desejo de conquistar um título, alguma insatisfação com um estado de coisas ou o desejo de esclarecer um ponto confuso podem ser motivos mais produtivos. Isto é apre-

sentado no modelo como o foco de interesse identificado pelo estudante ou pesquisador. É muito provável que este foco de interesse tenha sido estimulado através do programa de leituras do estudante, isto é, ele descobre algum ponto obscuro examinando a literatura de seu campo particular. Deste modo, um estudante pode indicar que seu foco de interesse é “negociações”. Qualquer um destes casos levaria a identificar um conjunto de leituras que o estudante deve cobrir para que possa adquirir alguma referência válida ao problema, relacionando-o ao corpo mais amplo destes conhecimento. Os problemas de pesquisa não se materializam do nada, eles evoluem com o próprio indivíduo. Se o indivíduo não é sensível a situações variadas, ele achará extremamente difícil compreender a multiplicidade de problemas disponíveis para estudo. A maioria dos pesquisadores “profissionais” tem um programa contínuo de leitura e estão constantemente preparados para futuras pesquisas. A medida que surgem as idéias o pesquisador procura registrá-las e as arquiva para futuras referências. Do mesmo modo deve ser comportar o estudante de tal sorte que possa se preparar convenientemente, através de um contínuo programa de leitura para que as idéias encontrem um campo fértil no qual possam se enraizar.

ESQUEMA 1



A medida que o estudante continua a ler ele começa a identificar certos conceitos que são pertinentes a sua área de interesse. Assim, alguém interessado em "Negociações", descobre que alguns dos conceitos-chaves são "comunicação", "pequenos grupos", "comportamento interpessoal" ou "teoria de jogos". Aos poucos, os conceitos vão sendo colecionados e investigados e alguns são mantidos, enquanto que outros são descartados. Chega um ponto em que o investigador juntou suficiente material para tentar uma formulação do problema. Este refletirá as variáveis ou conceitos de interesse em suas relações ou interações. O estudante pode escolher para estudar "a extensão em que o conhecimento do processo de negociações afeta a posição de perder e ganhar dos representantes de um pequeno grupo de negociações". Ou também "as relações de padrões variados de comunicação e satisfação do participante no processo de negociações". Em quaisquer dos casos, a formulação do problema reflete um considerável grau de sofisticação e é apresentada com absoluta clareza.

Nesta fase o estudante deve alguma decisão quanto às formulações abstratas do problema. O pesquisador precisa "formular o problema de pesquisa em um nível suficientemente abstrato de tal modo que os resultados do estudo possam ser relacionados aos resultados de outros estudos que lidam com os mesmos conceitos" (4:44). A preocupação de delimitar o problema muitas vezes limita a visão do estudante, impedindo que perceba sua relevância em relação ao conjunto do conhecimento. Para generalizar as ocorrências únicas de um determinado estudo, torna-se necessário formular o problema de forma a estruturar o nível de abstração no qual ele será tratado.

A revisão formal, a referência conceitual e o planejamento

É aqui que a "revisão da literatura" começa usualmente. O modelo presente sugere que a revisão está se processando há algum tempo, mas neste momento duas atividades complementares devem ter lugar. Em primeiro lugar há uma continuação da revisão nos moldes em que vinha se processando, o que quer dizer que há um aprofundamento dos estudos relativos a variáveis ou conceitos-chaves e suas interrelações. Em segundo lugar, tem início uma atividade de organização e síntese. Isto significa que o estudante está não somente ordenando estudos prévios mas também trabalhos teóricos que possam ajudá-lo a organizar o processo de pesquisa.

O quadro de referência conceitual ou teórico é o principal elemento de um modelo de pesquisa e é também um dos elementos de mais difícil compreensão. Para esclarecer o que significa esta parte da pesquisa, consideremos uma situação análoga. Imaginemos que uma reunião está tendo lugar em uma sala e que uma pessoa entre enquanto a reunião se desenvolve.

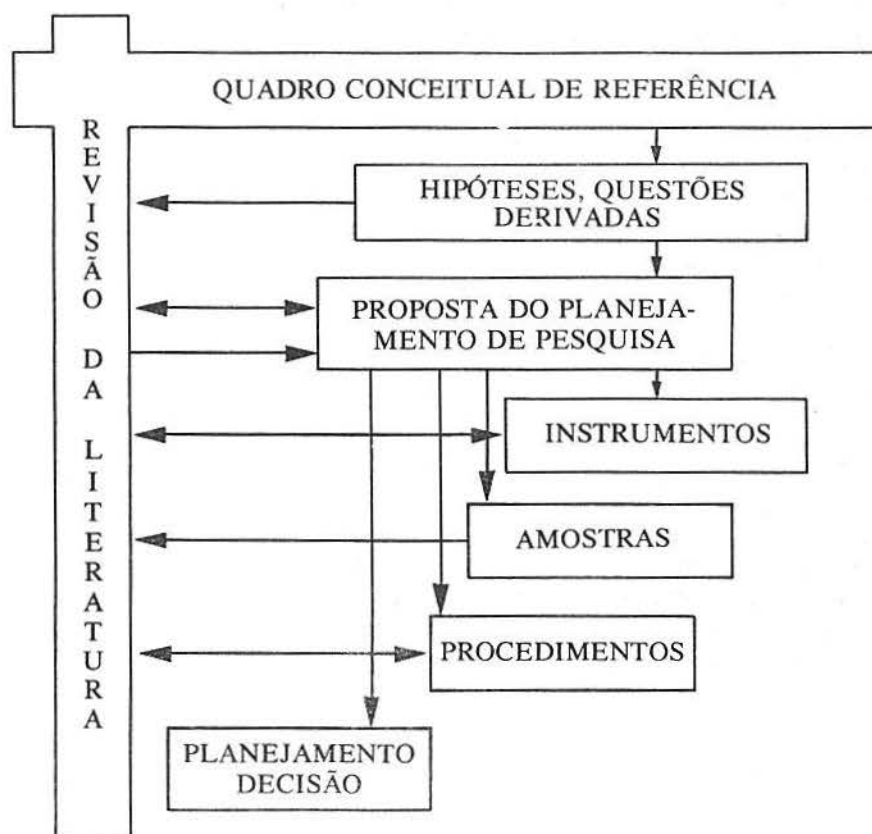
Esta pessoa foi socilitada a descrever o que ela vê de relevante quanto ao problema da comunicação. O que relatará esta pessoa? Será que o relato seria o mesmo, independente da pessoa que entrasse na sala? Um arquiteto veria os mesmos fatores do que um antropólogo cultural? Um decorador de interiores descreveria a mesma coisa do que um psicólogo? Provavelmente não! Por que? Porque cada homem tem um diferente quadro de referências - conceitos preferidos que se mostraram úteis a ele. Todos podem estar interessados em "comunicação", mas interpretam o conceito de maneiras diferentes. O arquiteto vê a altura do teto e os materiais usados na sala para ver as possibilidades de redução do ruído. O decorador vê o esquema de cores e a atmosfera total dos móveis e cores para verificar se são condizentes a conversação. O antropólogo cultural vê as pessoas e suas maneiras de vestir, observa seus padrões de linguagem e suas formas de interação, enquanto o psicólogo focaliza o conteúdo da linguagem em busca de dados de motivação. Cada uma dessas pessoas está usando seu quadro de referência conceitual como um instrumento para orientar a observação e resolver problemas.

Do mesmo modo, o estudante revela que conjuntos de conceitos preferidos ele está empregando para auxiliá-lo na definição do problema, na coleta de dados e na análise de resultados. Uma questão crucial: Qual é a qualidade de seu quadro de referências? Permite ele predições, isto é, a formulação de hipóteses que possam ser testadas? A importância relativa deste aspecto da revisão é apresentada na segunda parte do modelo (Esquema 2).

As hipóteses ou questões de pesquisa formuladas a partir do quadro de referências conceituais provavelmente sugerirão certas leituras que podem ser ordenadas numa tentativa de determinar planejamentos potenciais. Assim o estudante continuará sua revisão da literatura buscando estudos que sirvam como modelos de acordo com seus propósitos de investigação. Do mesmo modo procurará instrumentos possíveis, procedimentos de amostragem, etc. e assim procedendo estará revisando referências básicas, livros textos, bem como outras pesquisas e técnicas. O modelo mostra que a interação entre "instrumentos", "amostras" e "procedimentos" é um fluxo duplo, pois cada uma das ca-

tegorias pode sugerir leituras e cada uma das leituras podem sugerir revisão de categorias. Por exemplo, o pesquisador de "Negociações" pode estar procurando a literatura relativa a possíveis instrumentos para medir o "conhecimento dos participantes no processo de negociação". Ele pode encontrar alguns destes instrumentos, ou pode verificar a necessidade de criar tais instrumentos. Mais leitura pode sugerir-lhe a possibilidade de empregar entrevistas ou talvez alguma medida "não-obstrutiva" (7). O surgimento de tal conceito pode levar o pesquisador a revisar todo o seu estudo ou ao menos a modificar as variáveis operacionais em consideração.

ESQUEMA 2



Implementação, análise e conclusões

A última parte do modelo (Esquema 3) indica que um dos planejamentos alternativos é selecionado para implementação. O planejamento que se seleciona obedece a um certo número de fatores que não são considerados no modelo básico: Quais são meus recursos disponíveis? Quais as restrições que o "tempo" pode ter no desenvolvimento do estudo? Os índices de qualidade do planejamento, como validade interna e externa, estão sendo respeitados? (1).

Após a implementação do planejamento, o foco de atenção dirige-se a análise da coleta de dados. Aqui novamente a revisão continua, pois haverá, provavelmente, a necessidade de verificar textos estatísticos, tabelas ou outras fontes de referência. Ainda que o estudo seja de natureza não estatística, ainda assim haverá necessidade de outras leituras. As técnicas de análise de dados não estruturados, sugestões para estabelecer categorias de respostas, análises gráficas ou outras fontes podem ser pré-requisitos necessários para organizar os dados de uma forma que facilita a interpretação, elaboração e explicações. É frequente que o estudante que se inicia em pesquisa corra neste momento para o departamento de estatística ou de sociologia com um amontoado de dados, procurando assistência sobre como ordenar a "confusão" que tem em mãos. Ele deve encontrar disponibilidade para um pouco de ajuda, mas este auxílio é apenas um complemento à sua bagagem de leituras, é uma assistência na interpretação da complexidade desta área altamente técnica com a qual o estudante já deve ter certa familiaridade.

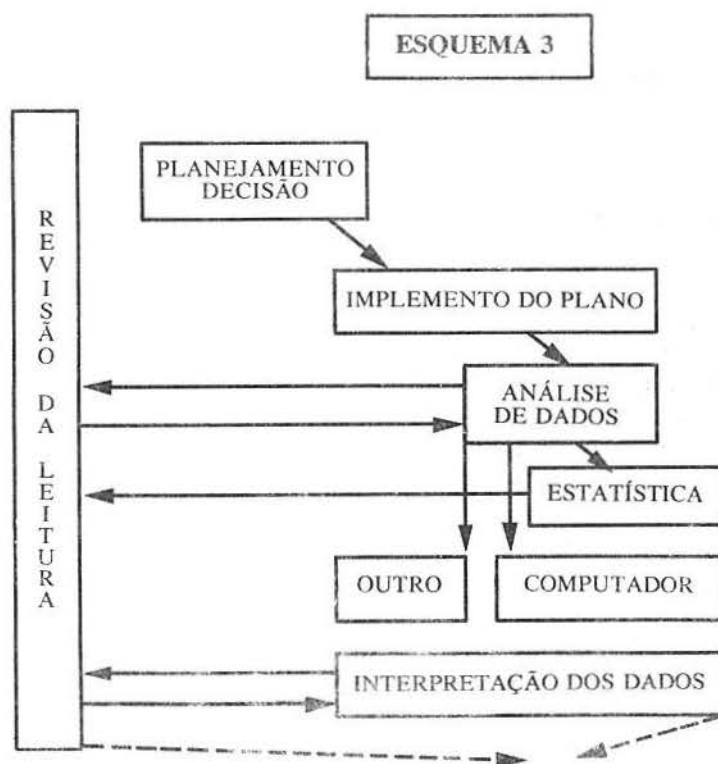
Estudantes e professores tendem a acreditar que a seqüência de estudos estatísticos a qual o aluno se submete é o suficiente para o planejamento e a análise da pesquisa. Esta pressuposição é provavelmente responsável, pelo menos em parte, pela grande estereotipia dos estudos. Pode levar também a um uso inadequado da estatística quando outras abordagens seriam indicadas. Se o estudante faz uma revisão ampla da literatura ele pode encontrar muitas técnicas que o assistam na avaliação, ajudando-o a bem julgar sua contribuição ao campo do conhecimento, bem como seu conhecimento básico. Como pode o estudante desempenhar-se na fase que pode ser considerada a mais importante do estudo, interpretação e conclusões se ele não tem a segurança necessária no que tange as técnicas de análise?

A última parte do projeto do estudante é interpretação, conclusões e recomendações para estudos posteriores. Aqui os resultados encon-

trados são comparados 1) com os estudos revisados anteriormente, 2) com o quadro de referências conceituais dentro do qual a pesquisa se desenvolveu e 3) com os estudos que não foram previamente considerados mas que os resultados mostram ser importantes. Por exemplo, se os resultados não confirmam as previsões, o estudante pode decidir examinar suas referências conceituais para determinar o que "falhou" considerando a análise original. Este "feedback" na abordagem como um todo é melhor visto no modelo conjugado no esquema 4.

Pode ocorrer também que os resultados apontem para ocorrências não previstas nas hipóteses. Isto tende a ser relatado como "observações" pelos pesquisadores. McCurdy e Eber relatam em seus estudos de grupos autoritários que uma **impressão** do experimentador era de que havia comunicação mais livre nos grupos não-autoritários (3). O relato de tal impressão pode influenciar o investigador no sentido de examinar estudos que foram previamente descartados, durante o processo inicial de investigação, por não serem considerados relevantes.

Estes resultados não esperados não devem se perder, pois podem servir de pistas altamente significativas em investigações futuras.



Finalmente, note-se que o modelo mostra que a revisão da literatura continua além do término da pesquisa. Isto revela uma posição dos autores quanto à relevância e realismo da pesquisa. Frequentemente um esforço de pesquisa termina em um estudo limitado, restrito e controlado que pode permanecer sem utilização a menos que seja integrado em um programa mais amplo de pesquisa. A própria revisão da literatura não pode ficar desperdiçada. Esta mesma revisão, se continuada e trabalhada, pode servir de fundamento a muitos outros estudos. É este fator que permite ao pesquisador "profissional" aparentemente, violar o modelo aqui proposto. Quando o estudante observa seus professores fazendo pesquisas, ele pode pensar para si mesmo "Por que eles não fazem o pregam"? "Eu não os vejo realizando uma revisão completa e compreensiva". É provável que a revisão deste pesquisador tenha iniciado com sua tese de PhD. ou esteja relacionada aos cursos que leciona. Seus problemas de pesquisa e seus planejamentos não surgem do nada (ou ao menos não deveria), mas derivam de investigações prévias e de uma revisão constante de pesquisas. Em essência isto implica que a revisão da literatura nem termina nem começa, uma vez que o processo de pesquisa tem seu início. No momento em que se termina um projeto este forma a base de um "interesse" identificado que se incorpora às prioridades de pesquisa. Na realidade, os interesses ou prioridades do pesquisador mudam de tempos em tempos, o que leva a iniciar um novo processo de pesquisa.

Aplicação do modelo

Uma palavra final quanto ao modelo aqui apresentado: um exame da aplicação do modelo a um estudo real. A tese é que o modelo serve tanto para estudos estatísticos como não-estatísticos, contanto que uma segura abordagem teórica seja selecionada. Para exemplificar esta posição selecionamos o trabalho de Alfred G. Smith "Comunicação e status: a dinâmica de um centro de pesquisas". O trabalho de Smith pode ser considerado não-estatístico ou o que Smith identifica como uma abordagem antropológica. A medida que o estudo é analisado, a luz do modelo, são consideradas as possibilidades de abordagem estatística, generalizando deste modo a aplicação do modelo.

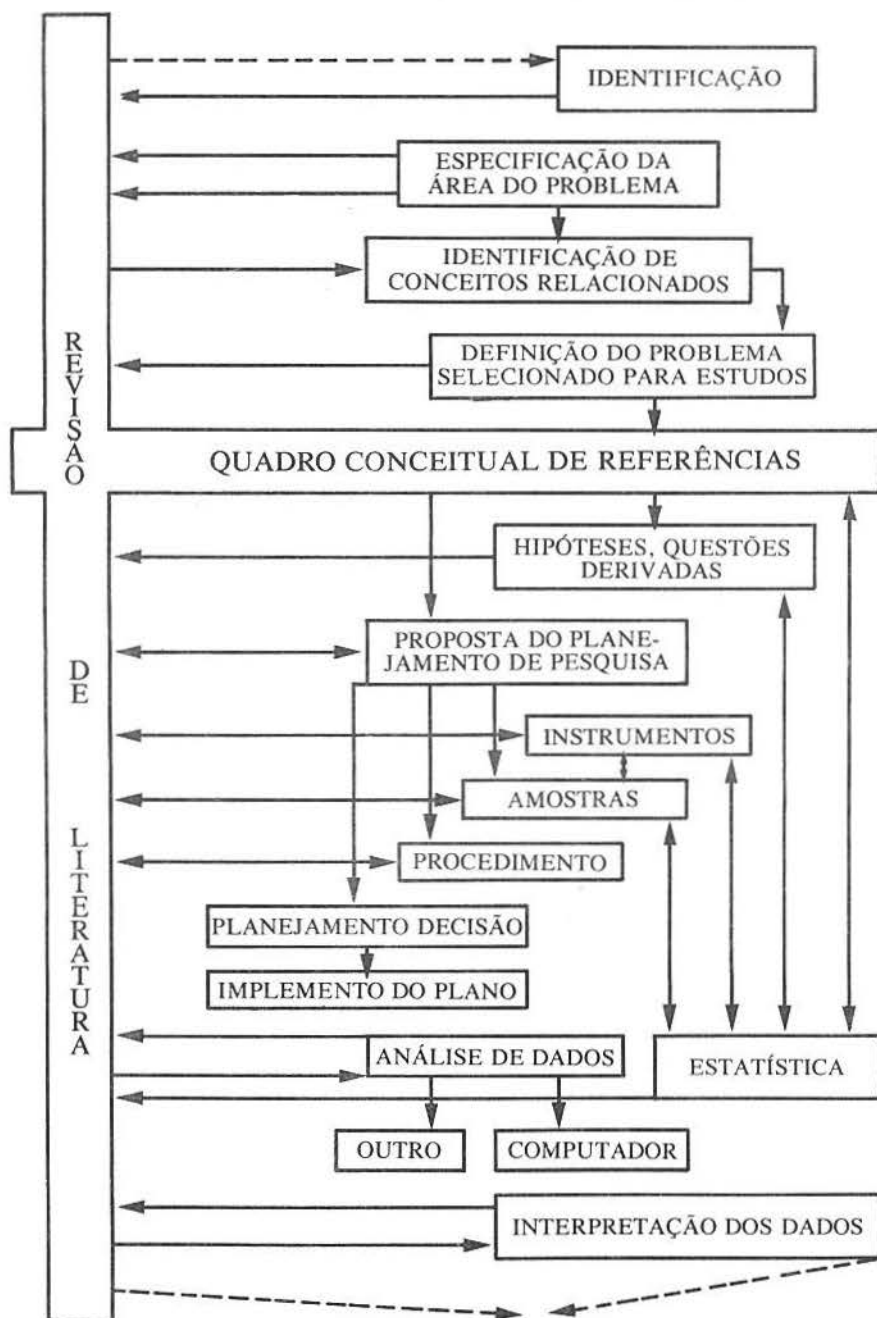
Smith pode ser considerado um pesquisador profissional que utiliza seu cabedal de experiências em cada um de seus estudos. Em particular, sua experiência relativa ao estudo sobre "comunicações" (5). Sua experiência o ajuda a identificar os conceitos que deve considerar na

própria busca de um problema. O primeiro capítulo de sua monografia descreve tais conceitos centralizando-os nas relações entre "status", "status" percebido e comunicação com um determinado ambiente. O ambiente é considerado em face da estrutura da organização e as funções desta mesma organização. Declara que o objetivo primário do estudo é:

"... analisar a dinâmica de um centro de pesquisas. Consegue isto analisando os padrões de comunicação dentro do centro. Sua tese básica é que estes padrões expressam as estruturas e funções percebidas - do centro ou de qualquer outro grupo humano ... (6:12)".

Smith descreve, então o quadro de referências teórico dentro do qual ele vai estudar o centro de pesquisas. Ao explicar seu quadro de referências, indica os estudos que revisou e suas contribuições para a posição por ele agora adotada. Enfatiza a relevância da "teoria", "estudo de caso", "sinática dos sub-grupos", "status percebido", "grupo pequeno", "grupo de trabalho" e "variáveis sociais", tendo em vista cada um dos tópicos descreve os estudos mais importantes sintetizando-os numa estrutura unificada. Até agora o relatório segue de perto o modelo aqui apresentado. A área de interesse, o problema e os conceitos relacionados derivam de suas experiências prévias (uma revisão contínua da literatura) que o levam a encontrar seu objetivo ou propósito principal ao encetar um novo estudo. A definição do propósito ajuda-o a selecionar os estudos que devem ser revisados na procura constante dos quadros de referência conceitual. A determinação dos quadros de referência, por sua vez, auxiliam-no a definir os prováveis métodos que utilizará.

ESQUEMA 4



Sendo Smith um antropólogo, sua pesquisa recairá fortemente na técnica de entrevista e outras relacionadas que obrigam o pesquisador a se aprofundar na cultura ou ambiente da organização que está sendo estudada. Outro pesquisador de diferente formação poderá estudar o mesmo problema, mas empregando técnicas consideravelmente diferentes. Isto significa que o quadro de referências conceituais também será consideravelmente diferente. Em vez de se basear no conceito de "status percebido" poderia "contar os símbolos de status" e desenvolver alguma técnica de quantificação das posições de "status" dos indivíduos dentro do centro de pesquisas. Poderia também contar a frequência com que pessoas com vários "status" utilizam recursos de comunicação e testar se estas diferenças eram estatisticamente significantes. Nosso propósito neste momento não é complicar as abordagens, nem provar que uma delas é superior as demais. Nossa intenção é mostrar que podem existir diferenças em planos e procedimentos e que estas diferenças requerem diferenças na literatura e pesquisa que são revisadas. E mais, que qualquer que seja a abordagem selecionada, esta requer uma revisão contínua do material, como sugere o modelo.

Finalmente, a interpretação dos resultados também indica que se faz uma referência contínua ao quadro conceitual e teórico, a partir do qual o estudo teve início, bem como a referências adicionais que ajudam a explicar estes resultados. Por exemplo, Smith faz constante uso do conceito "Homem organização" em oposição a "Homem pesquisa" depois de ter coletado seus dados e os submetido a suas várias matrizes (seu quadro conceitual). Ainda que tais diferenças possam ter sido elaboradas antes do estudo do Centro de Pesquisas, a significação desta tipologia só emergiu depois desta análise. Isto, então, levou Smith a reportar-se aos trabalhos de William H. Whyte, Jr. em "O Homem Organização". Na medida que desenvolve sua análise, menciona outros problemas ou tópicos de estudo que por sua vez indicam a necessidade de revisar outros materiais a isto relacionados. É evidente que se uma abordagem estatística tivesse sido seguida, outras interpretações e referências seriam feitas para explicar o mesmo fenômeno. Em quaisquer dos casos, porém, a abordagem de pesquisa teria sido consistente com o modelo aqui proposto.

RESUMO:

Tentamos descrever um modelo do processo de pesquisa que demonstra o papel constante e contínuo da revisão da literatura. O modelo aponta as interrelações complexas do processo de selecionar, compreender e sintetizar a pesquisa e o pensamento que é relevante a um problema particular que se pretende estudar. O modelo é aplicado a um projeto de pesquisa para mostrar como ele pode, pelo menos de forma mínima, servir a uma variedade de abordagem de pesquisa. Esperamos que o modelo possa ajudar a corrigir as falsas concepções relativamente a revisão da literatura ajudando o estudante a clarear seus problemas relativos a pesquisa.

BIBLIOGRAFIA:

1. CAMPBELL, Donald T. and STANLEY, Julian C. **Experimental and quasiexperimental designs for research**. Chicago, Rand McNally and Co. 1963. p. 84.
2. LIDVALL, C. M. "The review of related research". **Phi Delta Kappan**, 1959, 30. 179-80.
3. MCCURDY, H. G. and EBER, H. W. "Democratic versus Authoritarian; a further investigation of group problem solving". **Journal of personality**, 1953, 22. 258-269.
4. SELTZER, Claire; JAHODA, Marie. DEUTSCH, Morton. and COOK, Stuart. **Research Methods in Social Relations**, New York, Holt, Rinehart and Winston. 1966. 622 p.
5. SMITH, Alfred G. (ed.) **Communication and Culture**, New York, Holt, Rinehart and Winston, 1966. 626 p.
6. SMITH, Alfred, G. **Communication and Status the dynamics of a Research Center**. Eugene, Oregon, University of Oregon, 1966. 56 p.
7. WEBB, Eugene J., CAMPBELL, Donald T., SCHWARTZ, Richard D. and SECHEREST, Lee. **Unobtrusive Measures: Nonreactive Research in the social sciences**. Chicago, Rand McNally and Co. 1966. 225 p.